

# Papis & Circenses



JOSÉ ROBERTO TORERO

Biblioteca  
Paraná 



Muito prazer.

É só assim que se pode descrever a experiência que foi escolher este *Papis et Circenses* como vencedor do Prêmio Paraná de Literatura.

Primeiro porque, depois da maratona que foi a leitura dos mais de 250 inscritos, a decisão final foi extremamente simples. Unanimidade. O autor que nós conhecíamos apenas como Bento dos Santos (até a escolha do pseudônimo foi adequada!) era o único a ter sido selecionado por todos os jurados.

*Habuiumus Victorem*. Tínhamos um vencedor.

Só que até aí a coisa podia ainda estar tinta de frustração. Unanimidade não representa necessariamente satisfação.

Mas não.

Porque escolher este livro foi uma alegria. Estávamos premiando um autor que, ao mesmo tempo, dava ao prêmio um imenso motivo de orgulho.

*Papis et Circenses* não vai passar em branco.

Audácia temática, inventividade formal, diversão, dor. Tem de um tudo aqui.

Se uma das maiores instituições do mundo ocidental pôde ser fundada sobre um trocadilho (“Tu és Pedro e serás a Pedra...”), o relato da incrível sucessão (apostólica) de homens que entre violência, bizarria, mesquinha, glória, caos e por vezes bondade representaram a continuidade da vida de Pedro e a permanência do comando da Igreja Católica fornece ao livro um fio condutor perfeito e uma oportunidade infindável para variações e invenções.

Cada papa tem história, vira um conto, sua vida aumenta um ponto.

São os Santos Padres mas, como lembra o título do livro, é também um circo. Circo de horrores nada santos e de santos nada horríveis.

Como lembra um dos contos, por exemplo, “João [VIII] morreu envenenado por Marinho [I], que morreu envenenado por Adriano [III], que, para quebrar a monotonia, foi apunhalado enquanto dormia por não se sabe quem”.

E monotonia é tudo que não se pode esperar deste livro, tudo que não se deve encontrar neste mundo. Um mundo onde só não se pode dizer que frequentemente o ridículo e o trágico andaram de mãos dadas porque, na maioria das vezes, eles vinham era das mesmas mãos.

Aquele Bento dos Santos nos deu uma bênção.

Demos nós a ele um prêmio.

Mas o presente, mesmo, fica agora com você.

Com muito prazer.

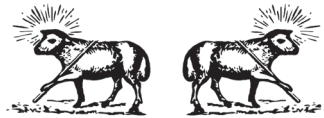
**Caetano W. Galindo**



**JOSÉ ROBERTO TORERO** é formado em Letras e Jornalismo pela USP. Publicou 25 livros, entre eles *O Chalaça* (Objetiva, 1999, 2. ed.), Prêmio Jabuti em 1995 e, mais recentemente, *O Evangelho de Barrabás* (Objetiva, 2010) em parceria com Marcus Aurelius Pimenta. Também é roteirista de cinema e tevê. Vive em Santos (SP).

B

# Papis & Circenses



**BETO RICHA**  
Governador do Estado do Paraná

**PAULINO VIAPIANA**  
Secretário de Estado da Cultura

**VALÉRIA MARQUES TEIXEIRA**  
Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura

**ROGÉRIO PEREIRA**  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

**IVENS MORETTI PACHECO**  
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Coordenação do Prêmio Paraná de Literatura 2012

**LUIZ REBINSKI JR.**

**MARCIO RENATO DOS SANTOS**

**OMAR GODOY**

**COMISSÃO JULGADORA DO  
PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2012**

Prêmio Newton Sampaio | Conto

**MARÇAL AQUINO**

**RODRIGO LACERDA**

**CAETANO GALINDO**

Projeto gráfico | Capa | Revisão  
Preparo de originais | Produção gráfica

**RETINA 78**

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

---

Torero, José Roberto, 1963-  
Papis et circenses / José Roberto Torero. - Curitiba, PR :  
Secretaria de Estado da Cultura :  
Biblioteca Pública do Paraná, 2012.  
p. 104; 21 cm.

“Vencedor do Prêmio Paraná de Literatura 2012 -  
Categoria Conto  
ISBN 978-85-66382-02-0

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD ( 22ª ed.)

B869.3

---





# Papis & Circenses

JOSÉ ROBERTO TORERO





## SUMÁRIO

PEDRO	10
LINO	11
ANACLETO	12
PIO I	13
VICTOR I	15
FABIANO	16
CELESTINO	17
JOÃO I	18
JOÃO II	21
BONIFÁCIO I	22
GELÁSIO I	23
ELEUTÉRIO	24
ESTÊVÃO I	25
DIONÍSIO	26
GREGÓRIO I	27
TEODORO I	28
BONIFÁCIO IV	29
CÓNON	30
GREGÓRIO II	31
ESTÊVÃO II	32
ANICETO	33
LEÃO III	34
GREGÓRIO IV	35
ESTÊVÃO III	36
JOÃO VII	37
JOÃO VIII, MARINHO E ADRIANO III	39
ESTÊVÃO VII	40
ANTERO	41
SÉRGIO III, ANASTÁCIO III, LANDO, JOÃO X, LEÃO VI, ESTÊVÃO VIII E JOÃO XI	42
AGAPITO II	46
JOÃO XII	47





JOÃO XIV	48
SILVESTRE II	49
JOÃO XVII	50
JOÃO XIX	51
BENTO IX E GREGÓRIO VI	52
URBANO II	53
ADRIANO IV	55
URBANO VI	57
CELESTINO IV	58
JOÃO XXI	60
CELESTINO V	61
PIO II	65
CLEMENTE VII	67
INOCÊNCIO VIII	69
PAULO II	70
LEÃO X	72
ALEXANDRE VI	73
JÚLIO II	76
JÚLIO III	77
URBANO VII	79
PAULO IV	80
PIO V	83
GREGÓRIO XIII	84
CLEMENTE VIII	85
PAULO V	86
BENTO XIII	91
INOCÊNCIO X	92
CLEMENTE X	93
CLEMENTE XII	94
LEÃO XII	95
BENTO XIV	96
PIO IX	97
PIO XI	98
PIO XII	99
JOÃO PAULO I	100
JOÃO PAULO II	101
BENTO XVI	102



A palavra papa vem do grego *pappas*,  
e quer dizer pai, papai, pápi, pápis.

## PEDRO

É noite. Os soldados prendem Jesus no Monte das Oliveiras e o levam até a casa de Caifás.

Pedro, a pedra fundamental, segue o grupo de longe.

Enquanto Jesus é julgado pelos setenta sábios judeus, ele se aproxima dos soldados que fazem uma fogueira no pátio a fim de escutar alguma notícia de seu mestre. É quando uma serviçal o reconhece:

– Você não é do grupo do profeta que foi preso?

– Quem? Eu? Não.

Um soldado estranha seu sotaque e pergunta:

– Mas você fala como um galileu.

– Impressão sua, senhor soldado — respondeu Pedro caprichando nos esses como se fosse de Jerusalém.

Então o capitão da guarda aproxima-se, fica cara a cara com ele e diz:

– Teu rosto não me é estranho. Acho que estavas com ele.

– Não, nunca, jamais! Nem sei quem é este tal de Jesus — responde aquele que será o primeiro papa.

# LINO

## 12º Decreto

Eu, Lino, sucessor de Pedro, decreto que, de ora em diante, as mulheres cubram as cabeças durante nossos cultos.

Aos que ousam pensar que se trata de uma deliberação injusta e sem motivo, explico minhas razões, e quem tiver olhos para ver e tino para entender há de concordar comigo.

Vejam bem:

Há mulheres feias e mulheres belas.

As feias nos fazem pensar no inferno.

As belas nos fazem pensar em coisas que nos levam ao inferno.

Assim sendo, como a Igreja não quer que seus filhos acabem no inferno, seja nesta vida ou na outra, é mister que não se vejam os rostos das filhas de Eva.

Aliás, a própria Eva, ao sair do paraíso, cobriu suas vergonhas e belezas. Assim, apenas aperfeiçoo tal atitude, fazendo com que as mulheres de hoje cubram as vergonhas e as belezas de suas faces.

Por inspiração divina, determino e firmo,

Lino.

## ANACLETO

Anacleto lutou contra o culto a objetos mágicos.

Ele disse que pedras coloridas não curavam, que entranhas de aves não podiam prever o futuro, que chifres de animais mortos não traziam força, que gatos pretos não traziam azar, que varas de condão eram só gravetos.

Depois ordenou a veneração ao túmulo de Pedro.

## PIO I

- Pio, você é muito pio.
- E você é péssimo em trocadilhos, Marcião.
- Minha especialidade é a teologia.
- Foi para falar sobre isso que o chamei aqui.
- Vai tentar mudar minhas ideias?
- Não são ideias, são loucuras.
- Loucura é o que estão fazendo com o cristianismo. Vocês, seguidores de Pedro, são apenas judeus disfarçados.
- Nossa religião está crescendo.
- Ervas daninhas também crescem.
- O que você propõe?
- Temos que separar os escritos. Os textos judeus não têm nada a ver conosco. Eles são o Antigo Testamento. Nós temos que escrever o Novo Testamento.
- Estes dois termos nunca serão utilizados. O livro é um só.
- São dois. E dois são os deuses.
- Dois?
- O Deus do Antigo Testamento é um deus sangrento e vingativo. O Deus de Jesus é um deus de amor e misericórdia.
- Prove.
- Cristo era bom com os cegos, David mandou matá-los; o Deus judeu diz “olho por olho, dente por dente”, o Deus de Jesus diz “se te esbofeteiam uma face, oferece a outra”; a Lei dos judeus diz “se alguém toma uma roupa alheia, deve pagar em dobro”, Cristo declara “ao que te rouba o manto, oferece a túnica”; o Deus cristão salva aos que creem nele, mas não castiga os outros, o Deus de Moisés salva seus fiéis e castiga o resto; Javé estabeleceu o sábado como dia santo, Jesus trabalhou no sábado; a Lei proíbe

tocar numa mulher em dias de regra, e Jesus não só a toca, como a cura. Provei?

O papa pensa por um instante e depois diz num só fôlego:

– Marcião, você está excomungado.



## VICTOR I

- Teodoto, você sabe por que o fiz vir de Bizâncio até aqui?
- Para que eu conheça o esplendor de Roma é que não foi.
- Não mesmo. Foi para eu escutasse de sua sua própria boca o que andam dizendo que você diz.
- Explico com muito gosto, porque é coisa em que acredito e tenho em mim que é uma bela fé.
- Comece.
- Creio que Jesus era um homem como eu e como tu.
- Não era filho de Deus?
- Era. Mas um filho adotado.
- Então Jesus não era divino?
- Só quando chegou aos céus. Enquanto estava na Terra sangrava, suava, cuspia, mijava e cagava como nós.
- E você acha esta teoria bonita, Teodoto?
- Acho que é muito linda, senhor papa. Sou um reles curtidor de couro, mas entendo que o filho adotado é mais amado que o natural, posto que não é enviado pela sorte, mas escolhido por nós.
- Eu não adotarei suas ideias.
- Não precisa. Ela já tem um pai: eu.
- O papa pensa por um instante e depois diz num só fôlego:
- Teodoto, você está excomungado.

## FABIANO

Fabiano não era religioso. Era dono de uma granja.

Estava voltando a Roma e passou em frente à assembleia dos cristãos que escolhia quem seria o novo papa. Por curiosidade, resolveu dar uma olhada. Foi quando uma pomba branca pousou sobre sua cabeça. Os cristãos tomaram aquele fato como um aviso de Deus e não como um acaso, talvez provocado por restos de farinha de milho.

E assim Fabiano foi eleito papa, amém.

## CELESTINO

Nestório, o patriarca de Constantinopla, está de joelhos. O papa Celestino anda em volta dele, dando passos nervosos. A conversa tem muitas exclamações e algumas interrogações.

– Não, não e não, Nestório! Não vou aceitar esta ideia!

– Mas ela está certa!

– É uma heresia!

– Maria não é a mãe de Deus, é a mãe de Jesus!

– É a mãe de Deus!

– Como Deus pode ser pai de si mesmo? Como uma mulher pode ser mãe de Deus? Como uma pessoa pode ser mãe de algo que nasceu antes dela?

O papa Celestino senta no trono de Pedro e diz, com voz calma e tom de ponto final:

– São os mistérios da fé.

# JOÃO I

## Cena 1: Sala real — Interior — Dia

Teodorico, rei da Itália e dos ostrogodos, está sentado em seu trono.  
O papa João entra na sala, se ajoelha e escuta:

TEODORICO

João, preciso que você vá a Constantinopla.

JOÃO

Nunca houve um papa que tenha ido a Constantinopla.

TEODORICO

Melhor. Você será o primeiro.

JOÃO

O que eu iria fazer lá?

TEODORICO

Preciso que você convença o imperador Justino  
a parar com a perseguição aos arianos.

JOÃO

Os arianos estão errados.

TEODORICO

Mas pagam impostos em dia.

JOÃO

Estes impostos não chegam até mim.

TEODORICO

Mas chegam até meus soldados, que o protegem.

### **Cena 2: Estrada — Exterior — Dia**

João viaja com uma grande comitiva. Ao seu lado na carruagem, em ricas vestes, vão três importantes autoridades eclesíásticas: o bispo Sabino, o bispo Eclásio e o bispo Eusébio. João olha pela janela e comenta:

JOÃO

Quem diria?, viramos carteiros.

### **Cena 3: Sala imperial — Interior — Noite**

João, de joelhos, ouve o imperador de Constantinopla.

IMPERADOR

Muito me impressiona que o senhor peça que eu seja condescendente com hereges que não acreditam que Deus e Jesus sejam um só, mas duas pessoas diferentes.

JOÃO

O rei Teodorico me pediu que...

IMPERADOR

Pensei que o senhor só obedecesse a Deus.

JOÃO

Deus se manifesta de maneiras sutis.

IMPERADOR

Eu não.

**Cena 4: Sala real — Interior — Dia**

Teodorico anda ao redor de João. Então para e põe uma mão em seu ombro direito.

TEODORICO

João você fracassou. Só lhe pedi uma coisa,  
e você fracassou. Você foi fraco, João.  
E sabe o que acontece com os fracos?

JOÃO

São perdoados?

**Cena 5: Cela — Interior — Dia**

João está sendo torturado. Uma legenda explica:

“Papa João foi encarcerado em Rávena, capital do reino ostrogodo, onde sofreu torturas e maus tratos até morrer, no dia 18 de maio de 526 d.C.”

## JOÃO II

Seu nome verdadeiro era *Mercúrio*. Como este era o nome de uma divindade pagã, ele resolveu adotar o mesmo nome de um papa anterior.

João II foi o primeiro papa com nome artístico.

## BONIFÁCIO I

Eulálio: Eu sou o papa!

Bonifácio: Eu sou o papa!

Eulálio: Já lutamos há quinze semanas e nada de decisão.

Bonifácio: Roma está um caos.

Eulálio: O primeiro sínodo não decidiu nada.

Bonifácio: Nem o segundo decidirá.

Eulálio: Eu sou o papa!

Bonifácio: Eu sou o papa!

Eulálio: Muitos bispos me apoiam.

Bonifácio: Muitos bispos me apoiam.

Eulálio: Eu sou o papa!

Bonifácio: Eu sou o papa!

Eulálio: O prefeito de Roma me apoia.

Bonifácio: O imperador me apoia.

Eulálio: O imperador? Deixe-me beijar seu anel, santidade.

Bonifácio: Você será um bom bispo, Eulálio. Em algum lugar distante.



## GELÁSIO I

Só 460 anos depois da morte de Cristo é que Gelásio decidiu que a eucaristia seria feita com pão e vinho. Os maniqueus, que achavam o vinho uma bebida impura, protestaram:

– Se for assim, sairemos da igreja!

Gelásio ficou se perguntando se valeria a pena perder estes bons cristãos por conta deste cisma. Mas a dúvida só durou até o jantar, quando foi à casa de um fiel e este lhe ofereceu um inebriante vinho grego.

Duas garrafas depois, Gelásio erguia o cálice e bradava: “Viva o sangue de Cristo!”

## ELEUTÉRIO

– Papa Eleutério, quero muito seguir sua fé, mas como vou deixar de comer uma bistequinha de porco bem assada, uma pele pururuca dourada, uma galinha ao molho pardo com aquele gostinho bom de sangue, um lagostim com uma colherada gorda de manteiga de ervas derretendo sobre sua carne branca, uma posta de peixe-espada com pimentões e azeite, um estrogonofe de filé mignon com bastante creme de leite, e, depois de tudo, um queijo daqueles bem fortes, um roquefort ou um *blue cheese*, com bastante fungo, que fungo é que dá o sabor? Hein, papa, como posso ficar sem comer tudo isso?

Eleutério enxugou a baba que brotava no canto da boca, olhou para o céu, e disse:

– Pois, de agora em diante, os que seguirem nossa crença poderão comer de tudo e sempre, que o mal não está no que entra pela boca do homem, mas no que sai. E me veja um pedacinho daquela pururuca, pelo amor de Deus.

## ESTÊVÃO I

Foi o primeiro papa a dizer que as roupas usadas pelos eclesiásticos na igreja não deveriam ser usadas para usos mundanos. Não especificou se a regra se aplicava às capas de livros e CDs.

## DIONÍSIO

Dionísio combateu o modalismo, doutrina que dizia que as três pessoas da Trindade eram só uma questão de nomes, e o triteísmo, que afirmava que as três pessoas eram três divindades distintas.

Disse Dionísio, em aula de fé e matemática:

– Os três não são três, nem os três são um, mas o um é três.

## GREGÓRIO I

– Anote aí, secretário: Conforme disse o monge Evágrio do Ponto, oito são os males do corpo: soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula, preguiça e tristeza.

– Oito, papa?

– Qual o problema?

– É que tudo na igreja é três, sete, dez ou doze.

– Tem razão. Vamos cortar um pecado.

– Eu cortaria a luxúria, que nem é tão pecaminosa, posto que necessária para a multiplicação dos homens.

– Não. Vamos cortar a tristeza.

– Logo este, papa? Não seria bom que a tristeza fosse pecado? Assim todos teriam que ser felizes.

– Você não entende nada de religião, rapaz.

## TEODORO I

Agregou ao nome de “Pontífice” o título de “Soberano”.  
Teodoro se adorava.

## BONIFÁCIO IV

“Hoje, 13 de maio dos 609 anos do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu, papa Bonifácio IV, tenho a honra, o prazer e a felicidade de reinaugar este belo lugar. Antigamente, bem antigamente, aos 27 anos da chegada dEle, o general Agripa construiu aqui um panteão em honra a Júpiter, Vênus e Marte, deuses que jamais existiram, sendo apenas fruto da imaginação e da ignorância. Mas agora este espaço foi transformado numa igreja consagrada à Virgem Maria, que concebeu Jesus sem pecado. Além disso, para glória deste lugar, vinte e oito grupos de ossos de mártires foram aqui enterrados, e eles farão muitos milagres ao povo romano, que agora está livre das crendices e pode crer na verdadeira fé.”

## CÓNON

Houve um impasse antes da eleição de Cónon. O clero romano era partidário do arqui-diácono Pascoal. Mas a milícia romana apoiava o presbítero Teodoro. O impasse era tão “impassoso” que tiveram que optar por uma terceira via, e esta terceira via foi Cónon.

Onze meses depois de sua eleição, o papa está prestes a jantar uma sopa de cebolas e um pouco de vinho branco.

Em algumas horas estará morto.

Talvez a sopa tenha sido envenenada pelos partidários de Teodoro, talvez o vinho tenha sido envenenado pelos amigos de Pascoal. Talvez as duas coisas.

O certo é que Cónon não verá o dia nascer.



## GREGÓRIO II

O secretário chega esbaforido com um pergaminho nas mãos.

– Papa, papa! O imperador Leão III proibiu a veneração de ícones e imagens religiosas! Por todo o Império Bizantino vitrais são partidos, estátuas quebradas, quadros rasgados, jogam tinta sobre afrescos e mosaicos são feitos em pedaços.

– Malditos iconoclastas!

– Eles dizem que não podemos desobedecer ao quarto mandamento: “Não farás imagens do que há acima dos céus, nem do que há abaixo da terra”.

– Imbecis! Não sabem que daqui a catorze séculos o Museu do Vaticano receberá mais de quatro milhões de visitantes por ano, e cada um pagando 15 euros para entrar, o que dá 60 milhões de euros, quase 150 milhões de reais?

– Tudo isso?

– Tudo isso. Sem falar nos cafés e nas lojinhas.

## ESTÊVÃO II

Não há melhor resumo da vida de um homem do que sua lápide.  
A de Estêvão II poderia ser assim:

“Ficou tão emocionado com sua eleição,  
e isso lhe trouxe tantas alegrias,  
que teve um ataque do coração  
e morreu depois de três dias.”

## ANICETO

“Doravante os sacerdotes não podem deixar crescer seus cabelos, para que eles não sejam motivo de vaidade. E não falo isso por ser calvo.”

## LEÃO III

Natal do ano 800. A Basílica de São Pedro está lotada. Os bispos usam suas capas vermelhas e seus chapéus bicudos brancos. Os nobres vestem roupas de todas as cores e Carlos Magno está com uma capa azul celeste com detalhes em ouro. Ele se ajoelha em frente ao papa e este coloca a coroa imperial sobre sua cabeça. Depois, Leão III entrega-lhe um relicário de vidro com entalhes em ouro e pedras preciosas incrustadas. Ali dentro está o objeto mais valioso da cristandade: o prepúcio de Cristo.

O imperador entregou a relíquia aos cuidados da abadia de Charroux. Seiscentos anos depois ele apareceu na diocese de Chartres, em 1421 esteve nas mãos do rei Enrique V, da Inglaterra, então passou pela Basílica de São João de Latrão, em Roma, pela catedral de Le Puy-en-Velay, pela de Santiago de Compostela, e pelas igrejas de Amberes, Besançon, Metz, Hildesheim e Calcata, na Itália, que ficou com o prepúcio até 1983, quando ele era exibido anualmente numa procissão pelas ruas da cidade. O costume só acabou quando o precioso relicário e o seu divino conteúdo foram roubados desta igreja.

Mas, segundo o teólogo católico Leão Alácio, o prepúcio dado a Carlos Magno seria falso. Em fins do século XVII, Alácio escreveu *De Praeputio Domini Nostri Jesu Christi Diatriba* (“Discussão sobre o Prepúcio de Nossos Senhor Jesus Cristo”), em que defendia a ideia de que a santa pele do santo pênis teria subido aos céus ao mesmo tempo em que Jesus, e teria se transformado nos anéis de Saturno.

## GREGÓRIO IV

“Não, eu não!”, gritava Gregório IV depois de sua eleição, enquanto era levado à força para o trono papal.

## ESTÊVÃO III

Astolfo, rei lombardo, sitiou Roma.

Para pedir a intercessão de Deus, o papa providenciou uma grande procissão. Com os pés descalços e a cabeça coberta de cinzas, ele carregou pelas ruas da cidade uma cruz de onde pendiam os tratados de paz violados por Astolfo.

Infelizmente, Deus não deu atenção aos apelos de Estêvão.

Então o papa recorreu a Pepino, rei dos francos, que juntou um grande exército e venceu Astolfo, mostrando que às vezes a espada é mais eficiente que a cruz.

## JOÃO VII

A procissão se arrasta lentamente. Está agora passando pela igreja de São Clemente, perto do Coliseu.

À frente de uma estátua do menino Jesus, o gordo papa João VII segura uma cruz cravejada de rubis. Ele está cercado por cardeais vestidos de vermelho. O rosto do papa está contrito, concentrado, como se ele sentisse a dor do sacrifício de Jesus.

Então gotas vermelhas caem aos pés do papa. No começo as gotas são pequenas, mas vão ficando cada vez maiores, manchando os sapatos brancos do papa, até que ele tomba.

Os cardeais o acodem. Tiram-lhe as roupas em busca de um ferimento. Só aí descobrem que a recente barriga do papa não é fruto de glotonismo, mas de gravidez. E o sangue não é de ferimento, mas de um aborto. Os cardeais recuam, assustados. A multidão avança, curiosa.

Quando o povo vê que o papa é uma mulher, os gritos se espalham, a multidão arranca as pedras do calçamento e começa a lapidação. Os cardeais fogem. As pedras voam e o sangue já não vem apenas do meio das pernas da papisa. Enormes rubis começam a surgir no corpo de João VII, que nasceu na Alemanha, filha de um religioso que lhe deu uma alta educação.

Ainda jovem, ela se apaixonou por um monge e, para acompanhá-lo ao mosteiro de São Martinho, disfarçou-se de copista, tomando o nome de Johannes Angelicus.

O amor pelo monge durou pouco. Pelos livros e por Deus, para sempre. E assim ela começou a viajar de mostério em mostério, e no ano 848 foi dar aulas em Roma.

Não demorou e tornou-se cardeal e secretária do papa Leão VI. Aos 35 anos, com a morte de Leão, é eleita por unanimidade em virtude de sua notável inteligência.

Mas seu coração é ainda mais forte que seu cérebro, e ela se apaixonou pelo embaixador Lamberto, da Saxônia.

É dele o filho que agora é recolhido por almas piedosas e embrulhado num lençol.

O corpo de Joana está disforme, empapado de sangue, e será atirado ao Tibre.

Mas a lenda de João VII será imortalizada numa carta de tarô, a Papisa.

E, por conta dela, doravante os pontífices eleitos terão que sentar-se na *sedia stercoraria*, uma cadeira com um buraco no meio, por onde a masculinidade do papa será examinada pela mão de um dos cardeais. E este, depois de verificar as bolas papais, deverá dizer: *Duos habet et bene pendentis.*



## JOÃO VIII, MARINHO E ADRIANO III

João morreu envenenado por Marinho, que morreu envenenado por Adriano, que, para quebrar a monotonia, foi apunhalado enquanto dormia por não se sabe quem.

## ESTÊVÃO VII

A basílica está cheia. Mas, em vez de fiéis, são cardeais que ocupam seus bancos. À frente deles, sob a cruz, sentado numa cadeira de espaldar alto, está um cadáver putrefato vestido com as roupas de gala do sumo pontífice. É o corpo do papa Formoso.

Ele já estava enterrado há nove meses quando o papa Estêvão mandou que seu corpo fosse exumado.

Agora Formoso está sendo julgado.

Um odor nauseabundo se espalha pela sala enquanto Estêvão anda em volta do cadáver enumerando suas acusações. A principal é Formoso ter coroado Arnolfo como rei da Itália. Outra é que, sendo bispo da diocese do Porto, deixou-a para ocupar a de Roma. E uma terceira, não dita, é que a família que o apoiava é inimiga da família que apoia Estêvão.

O julgamento ficará conhecido como *Synodus Horrenda*.

Estêvão pergunta ao cadáver o que ele diz em sua defesa. Como ele continua calado, é declarado culpado.

Então arrancam suas vestes papais e cortam-lhe três dedos da mão direita, os três dedos que dão a benção papal.

## ANTERO

Antero teve um breve pontificado. Só teve tempo de ordenar que as relíquias dos mártires fossem guardadas na igreja num lugar chamado *scrinium*. Quarenta dias depois de eleito, ele é que estava no *scrinium*.

## SÉRGIO III, ANASTÁCIO III, LANDO, JOÃO X, LEÃO VI, ESTÊVÃO VIII E JOÃO XI

Marózia olha para uma tigela com água. Ela vê um rosto de sessenta anos, com os olhos vermelhos de tanto chorar. Marózia pega a tigela e atira na parede de sua cela. Ela está num convento, onde foi posta pelo próprio filho há vinte anos.

Enquanto vê a água escorrer, lembra da fonte que havia em sua casa. E de uma festa que aconteceu ao redor da fonte quando ela tinha 15 anos. Marózia ria ao lado de sua mãe Teodora e de seu pai Teofilato, dois nobres romanos, e de um convidado especial: o papa Sérgio III.

Não era segredo para ninguém que o papa era amante de Teodora. Teofilato, porém, não se importava. Na verdade, até gostava de tal situação, posto que, graças ao empréstimo da esposa, era *Magister Militum*, *Sacrii Palatii Vestararius* e *Dux Gloriosissimus*, ou seja, comandante do exército, administrador dos bens do papa e líder dos nobres romanos.

Mas, naquela noite, Sérgio encantou-se por Marózia. Beijou sua mão demoradamente, elogiou sua beleza e convidou-a para uma visita no Castelo de Santo Ângelo, a fortaleza do papa.

A memória de Marózia pula para o primeiro encontro a sós com Sérgio III. Ela se lembra dele tirando-lhe as roupas com pressa, dizendo-lhe elogios indecentes e deitando-se sobre ela.

Depois vêm à sua mente outros momentos de amor. Ela e Sérgio deitando-se na grama, no quarto papal, na casa de seus pais, nos fundos de uma igreja.

Lembra-se também de seu casamento com Alberico I, marquês de Camerino e duque de Spoleto. Ela tinha 17 anos e a barriga de gravidez já aparecia sob o vestido branco. Aos seus ouvidos vem a

gargalhada de Alberico e sua frase bem-humorada: “Agora sei como José se sentiu ao saber que seria pai do filho de outro.”

Logo depois ela se vê de pernas abertas e gemendo. Uma mulher enfia a mão dentro de suas partes e de lá saem dois meninos.

Lembra-se que o enterro de Sérgio III foi no ano seguinte e que ela não derramou nem uma lágrima. Não ficaria bem para a mulher mais poderosa de Roma chorar em público.

A seguir vêm as imagens dos papas que ela ajudou a escolher: ela vê Anastácio III lavando seus pés numa ceia e Lando cozinhando-lhe um coelho ao molho de sálvia.

Já o papa João X começou obedecendo a Teofilato, a Teodora, a Alberico e a ela, mas, depois de comandar pessoalmente o exército na Batalha da Garigliano, contra os sarracenos, mudou da água para o vinho. O cheiro da morte e o gosto do sangue encheram João de brios e vaidade, e ele decidiu não aceitar mais ordens de ninguém.

Na mesma noite em que Alberico era morto em Orte por homens fiéis ao papa, soldados de João X degolavam Teofilato e Teodora.

Os partidários de João X oferecem o trono a Hugo de Provença, que assim tornou-se o novo imperador do Sacro Império.

Marózia enxugou as lágrimas, refez a maquiagem e, com 32 anos, casou-se com o poderoso Guido de Toscana. Por coincidência, meio-irmão de Hugo de Provenza.

Um ano depois, Marózia e Guido invadem Roma e João X é preso. Marózia lembra do prazer que sentiu ao vê-lo na prisão:

- Você não parece mais tão feroz.
- Já não tenho garras, mas ainda sei rugir.
- Isso não adianta muito.
- Palavras podem doer. Aliás, sabe que eu fui amante de sua mãe?
- Ela teve vários.
- Posso ser seu pai. Na verdade, somos um tanto parecidos, nos gostos e nos rostos.
- Em respeito a essas coincidências, deixarei que faça um último pedido.

– Quero viver.

– Este não vale.

– Então ao menos me dê uma morte suave.

– Seja feita sua vontade, assim na terra como na cela. Carcereiro, sufoque-o com uma almofada.

Depois, lembra-se de Leão VI, que foi papa por apenas sete meses, pois foi envenenado por partidários de João X.

Vieram dois anos tranquilos, de poder e foder, até que Guido, não se sabe se por idade ou excesso de volúpia, morre.

Marózia lembra de seu enterro, em que foi com um vestido de luto em que havia uma cauda de três metros, muito elogiado por seu cunhado, Hugo de Provença.

– Você está muito bela neste vestido negro.

– Obrigada.

– Aposto que fica ainda mais bela sem nenhum vestido.

– Tem razão.

– Mas na verdade gostaria de vê-la num vestido branco.

– É uma proposta de casamento?

– Certamente.

– Só há um problema, você é casado.

– Casamentos podem ser anulados. O papa Estêvão não vai lhe negar um pedido.

– Você quer se casar comigo porque tinha inveja de seu irmão ou porque este casamento afirma seu reinado na Itália.

– Não se pode unir o agradável ao agradável?

– Pode-se. Aliás, deve-se.

Porém, papa Estêvão VIII cismou que não poderia anular o casamento, pois não havia motivo nenhum, ainda mais que Marózia e Guido tinham uma filha.

Estranhamente, Estêvão amanheceu morto alguns dias depois, com uma baba verde pingando-lhe do queixo.

O escolhido para ser o novo papa foi João XI, filho de Marózia com Sérgio III. Ele já tinha 21 anos, já podia ser papa.

Como bom filho, ele não soube dizer não à sua mãe, e em 932 ela pode se casar com Hugo de Provença.

Porém, nem todos os filhos são compreensivos.

Alberico II, o outro filho de Marózia, não se sabe se por complexo de Édipo ou se por desejar o trono de Roma, promoveu uma revolta no dia do casamento da mãe. Prendeu Marózia e o papa, e expulsou Hugo de Provença da cidade.

Para fazer as pazes com o irmão (e para continuar vivo), João XI anulou o casamento da mãe. Depois Alberico II fez as pazes com Hugo de Provença, casando-se com sua filha Alda.

Só Marózia não foi perdoada. Ficou vinte anos presa num convento. Saiu de lá apenas duas vezes: há quinze anos, para ir ao enterro de João XI. Hoje, para ir ao enterro de Alberico II.

Ela olha para o retrato de seu filho, tão duro, tão firme, tão decidido e tão poderoso, e sente orgulho de ser sua mãe.

## AGAPITO II

Alguns dias antes do final do conto anterior, a liteira do imperador Alberico II entra na Basílica de São Pedro. Ela é colocada entre as cadeiras do coro, que estão ocupadas pelos bispos e pelo papa.

Tiram a cobertura da liteira e vê-se Alberico deitado, sem cor, esquelético. Sua voz é rouca mas ressoa, como se viesse de dentro de uma caverna:

– Eu vou morrer. Eu sei que logo vou morrer. E todos aqui também. Inclusive você, Agapito. E é por isso que estou aqui. Quero que, quando Agapito for me encontrar no céu, vocês elejam meu filho Otaviano como papa.

Ouvem-se murmúrios. Eles só terminam quando Alberico volta a sussurrar.

– Eu sei que ele só tem 17 anos. Mas já houve papas tão novos como ele. E, do mesmo jeito que Jesus era filho de Deus e fazia milagres desde criança, Otaviano é meu filho, e desde criança aprendeu a ser generoso com os amigos e cruel com os inimigos. Desde criança aprendeu o poder das moedas e das lanças. Por isso, quero que vocês façam um juramento solene de que ele será eleito papa.

Mais murmúrios, novamente interrompidos pela voz expirante de Alberico.

– Quem jurar agora poderá me contar depois, no céu, como foi a eleição de Otaviano. Quem não jurar irá antes de mim.

Os religiosos olham uns para os outros. Depois, em uníssono, dizem: “Eu juro!”



## JOÃO XII

João XII, neto de Marózia e filho de Alberico II, tornou-se papa com apenas 17 anos. E partiu para o céu aos 27.

Poderia ter morrido nalguma batalha gloriosa, mas teve um final trivial, quando um marido chegou mais cedo de uma viagem.

– Saia de dentro de minha mulher!

– Não é nada disso que você está pensando — disse Otaviano, nu, pegando suas roupas pelo chão.

– Não estavam trepando?

– Não. Isso era uma bênção. Eu sou o papa. Meu esperma é como água benta.

– Então você é uma espécie de anjo.

– Sim, de certa forma.

– Pois quero vê-lo voar.

Então o marido traído, que era forte como um touro, atirou o papa pela janela.

## JOÃO XIV

Um prato de comida está em frente a João XIV. João XIV está numa cela. A cela está no castelo de Santo Ângelo.

Ele não come há vários dias. As baratas que lhe serviram de alimento nos primeiros dias já desapareceram. João tem vontade de encher a mão de comida e jogá-la na boca. Mas ela pode estar envenenada.

O que fazer? Deve confiar na bondade de Bonifácio VII, que, apoiado pelas tropas de Oto, tomou o trono papal? Ou deve desconfiar de seu algoz? Bonifácio irá poupá-lo ou o está torturando?

A fome é imensa. O medo é maior.

Não se sabe se João comeu ou não. O certo é que morreu em frente ao prato de comida.

## SILVESTRE II

O velho Silvestre olha pela janela e vê uma multidão enfurecida, xingando-o de feiticeiro, de estrangeiro, de escravo do demônio.

Ele quase se arrepende de ter aceitado o convite dos monges da abadia de seu povoado para estudar com eles, quando tinha doze anos.

Quase se arrepende de ter estudado o *trivium* e o *quadrivium*.

Quase se arrepende de ter entrado escondido em uma mesquita e de ler o Alcorão.

Quase se arrepende de ter aprendido mecânica e construído relógios, ábacos, um globo terrestre e até um órgão.

Enquanto ouve a multidão chamá-lo de bruxo e nigromante, ele quase se arrepende de ter escrito *Sobre o racional e o uso da razão*.

Quase se arrepende de trocar seu nome Gerbert d'Aurillac por Silvestre II.

Quase.

## JOÃO XVII

Foi bom papa e melhor pai, tanto que seus três filhos tornaram-se bispos.

## JOÃO XIX

Dois bispos sustentam uma Bíblia aberta sobre a cabeça do eleito, que está deitado em frente à cruz.

O de barbas longas diz: “Nós aqui reunidos, por Deus e com Cristo, nomeamos o senador Romano di Tuscolo como bispo da Igreja, mesmo que ele não tenha sido padre ou monge, mas sim senador e cônsul”.

E o sem cabelo completa: “Nós aqui reunidos, por Deus e com Cristo, nomeamos o senador Romano di Tuscolo como bispo da Igreja, mesmo sendo ele totalmente ignorante em matéria de fé, afinal ele nos pagou um bom dinheiro pelo cargo de papa, e não se pode ser papa sem ter sido bispo”.

Romano levanta-se, pega a Bíblia, olha para os dois religiosos e diz: “Chega de gracinhas. Vamos caprichar neste ensaio, que na hora vocês podem falar estas coisas e não fica bem”.

## BENTO IX E GREGÓRIO VI

- Você bebeu demais, Bento.
- Deixe de bobagem. Vinho nunca é demais.
- Você já é papa há treze anos e ainda não aprendeu a se comportar.
- Treze anos? Já faz tanto tempo assim? Então quer dizer que já estou com..., com..., com...
- Trinta e três.
- Nossa, sou um velho...
- Olha aí, derramou todo o vinho na roupa.
- É um sinal. Um sinal de que devo abandonar tudo.
- Mulheres?
- Mulher. Uma só.
- Uma só? O que houve com você?
- Me apaixonei... Por Deus, como isso foi acontecer?
- Se você quiser, pode abdicar do trono para se casar. Eu teria muito gosto em ficar no seu lugar.
- Sério? Quanto você me pagaria por isso?
- Mil libras de ouro.
- Quem diria?, o arcepreste João Graciano quer ser papa.
- Até já escolhi meu nome: Gregório VI.
- Eu até poderia aceitar sua proposta, mas meu pai me comprou o papado com tanto gosto...
- Mil e quinhentas libras.
- Negócio fechado. Vamos beber! Hoje quero comemorar...
- Bento, não vomite nos meus pés!

## URBANO II

No dia do discurso que encerraria o concílio, o trono papal foi instalado na grande praça de Clermont-Ferrand.

Urbano II e seus cardeais chegam em procissão. O papa senta-se no trono e fica um longo instante em silêncio. Ele olha para os duzentos bispos, para os quatro mil eclesiásticos, para os trinta mil leigos, levanta-se e diz:

“Estamos desonrados, meus filhos e meus irmãos. Os cristãos do Oriente nos mandam mensagens sobre a lamentável situação de Jerusalém e do povo de Deus. Eles contam que a cidade do Rei dos Reis foi obrigada a pagar tributo aos pagãos. Contam que o túmulo milagroso onde a morte não pôde manter seu prisioneiro foi derrubado por aqueles que servirão de palha para o fogo eterno.

“As pessoas dignas de glória gemem e caem sob o peso dos abusos e humilhações. A raça dos eleitos sofre terríveis perseguições, e a raça ímpia dos sarracenos não respeita as virgens do Senhor nem os colégios de padres. Atropelam os idosos e roubam os filhos de suas mães.

“A maldade venceu, cobrindo as férteis terras da Ásia de trevas. As cidades de Antioquia, Éfeso e Niceia já foram tomadas pelos muçulmanos. Agora as hordas bárbaras estão olhando para a Europa e ameaçam todas as nações cristãs. Mas o único Deus verdadeiro vai impedir esta marcha colocando armas nas mãos de seus filhos.

“Deixemos que nossas vidas sejam mais fortes que a morte e façamos uma Guerra Santa contra os inimigos do povo cristão. Armai-vos com a flamejante espada da justiça e ide defender a casa de Israel, que é a filha do Senhor dos Exércitos.

“Não queremos apenas vingar as injúrias feitas aos homens, mas principalmente aquelas feitas a Deus. Não se trata de atacar uma ci-

dade ou um castelo, mas de reconquistar a Terra Santa. Se triunfais, as bênçãos dos céus e os reinos da Ásia serão vossa recompensa. Se sucumbirdes, Deus os receberá de braços abertos no reino dos céus.

“Lembraí-vos do que disse o Senhor: ‘Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim não é digno de mim. E todo aquele que abandonar sua casa, seus irmãos, seus pais, seus filhos e suas terras por minha causa receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna.’”

O papa faz uma pausa dramática, levanta a cruz o mais alto que pode e diz:

“Este será o símbolo que vai reunir os filhos dispersos de Israel. Levai-o sobre seus ombros e bordai-o em vossos peitos. Que a cruz de Cristo brilhe em vossas armas e bandeiras. Que ela nos lembre que Nosso Senhor morreu por nós e nós morreremos por Ele. Façamos uma guerra santa! Sede soldados do Deus dos Exércitos!”

Era o ano de 1095. Estava lançada a Primeira Cruzada.



## ADRIANO IV

### Primeiro movimento — Andante com brio

Nove de junho de 1155. Em Sutri encontram-se o papa Adriano IV e o rei alemão Frederico Barbarroxa. É o encontro para selar o pacto entre os dois.

Barbarroxa, porém, esquece de beijar o estribo do cavalo do papa.

– Você não beijou meu estribo.

– Desculpe, Vossa Santidade, sou ruim de protocolo. Mas beijou-lhe agora os pés. Schumac!

– Tarde demais, Frederico. Não vou mais coroá-lo imperador do Império Romano.

– Mas papa...

– O correto é Vossa Santidade.

– Mas Vossa Santidade...

– Nem mais, nem menos. Protocolos são para serem seguidos. Não somos selvagens.

– Bem, se é assim, nada posso fazer. Mas é uma pena. Minhas tropas prenderam Abelardo de Brescia e eu pensava em entregá-lo como um presente no dia da coroação.

– Abelardo está em seu poder? Ora, o que é um beijo no estribo? Protocolos são burocracias. Terei muito prazer em coroá-lo, Frederico.

\*

### Segundo movimento — Andante majestoso

– Que honra, o próprio papa veio me ver. Vossa Santidade deve me odiar, não?

– Não. Mas devo dizer que você incomoda um bocado.

– Porque digo que devemos voltar à austeridade dos primeiros cristãos? Porque acho que a igreja deve renunciar à riqueza e ao poder temporal? Porque acho que os sacramentos administrados por clérigos indignos não são válidos? Ou porque acho que confissão pode ser feita entre os fiéis, sem necessidade de sacerdote?

– Por tudo isso e pelas revoltas que acontecem pelas ruas em seu nome.

– A culpa de uma revolta é de quem se revolta ou de quem provoca a revolta?

– Palavras sinuosas saem de sua garganta. Por isso ela receberá a força.

– Já esperava por isso.

– Depois seus restos serão queimados na fogueira e suas cinzas serão atiradas no Tibre para que não haja uma tumba de peregrinação e você seja esquecido.

– De quem é a culpa do esquecimento? Do esquecido, de quem esquece ou de quem não deixa que os outros se lembrem?

– Pena que você não usou seus trocadilhos para o teatro ou para a poesia. Teria vida mais longa.

## URBANO VI

Singelo conto em forma de haikai rimado que narra os últimos instantes da vida e a pouco honrosa morte do honrado papa Urbano VI.

Urbano ia na procissão,  
mas caiu de sua mula,  
e bateu a cabeça no chão.

## CELESTINO IV

*Roma, 16 de setembro de 1241:* Caro diário, eu e os outros nove cardeais já estamos há vinte dias reunidos e não conseguimos decidir por um candidato. Nenhum de nós consegue dois terços dos votos. E a solução não parece estar muito perto.

*Roma, 20 de setembro de 1241:* Estamos com problemas. O senador Mateo Orsini irritou-se com nossa demora e trancou-nos com chave, ou, como se diz em latim, *cum clave*, aqui no Palácio Setizônio. Disse que só sairemos quando houver uma escolha. O pior é que está fazendo um calor infernal.

*Roma, 22 de setembro de 1241:* Comida não é um problema, posto que Orsini mandou que fôssemos alimentados três vezes por dia. Mas tudo o que entra tem que sair, de modo que as condições de higiene em nossa sala já não é das melhores. As moscas amontoam-se, as baratas não param de chegar e eu e o cardeal inglês Robert de Somercotes não estamos muito bem.

*Roma, 24 de setembro de 1241:* Oh, que fedor!

*Roma, 26 de setembro de 1241:* Robert morreu hoje.

*Roma, 29 de setembro de 1241:* A morte de Robert nos deixou irados. Estamos decididos a não tomar nenhuma decisão até sermos libertados pelo senador Orsini.

*Roma, 15 de outubro de 1241:* Nosso grupo está dividido. Alguns acham que devemos eleger qualquer um para sermos soltos logo. Outros teimam em que devemos fazer a eleição com critério. Minha saúde piora. Tenho medo de seguir o caminho de Robert.

*Roma, 24 de outubro de 1241:* Fui eleito papa. E por unanimidade. Mas sei que fui escolhido apenas porque estou fraco. Os cardeais querem é sair de Roma, e me escolheram porque pensam que não durarei muito tempo.

*Roma, 28 de outubro de 1241:* Hoje foi o dia de minha coroação. Tivemos uma bela cerimônia. Pena que nenhum dos cardeais estava presente. Todos foram para suas dioceses logo que as portas do Palácio Setizônio se abriram. Tinham medo de que eu morresse e eles tivessem que ficar trancados de novo. Mas viverei mais tempo do que eles pensam.

*Roma, 10 de novembro de 1241:* Hoje o almoço não me caiu muito bem. Não sei se continha algum veneno ou se estou fraco demais. De qualquer modo, estou me sentindo mal. Acho que vou chamar um médi

## JOÃO XXI

João XXI nasceu em Portugal com o nome de Pedro Julião.

Grande médico e renomado matemático, escreveu doze livros que espalharam sua fama pelo mundo. Seu Tratado *Summulae Logicales* foi o manual de referência sobre lógica aristotélica durante mais de trezentos anos nas universidades europeias. E o *Thesaurus Pauperum* (“*Tesouro dos Pobres*”), em que trata de várias doenças e suas curas, foi traduzido para doze línguas.

O papa era homem simples e honesto, recebendo tanto os pobres quanto os ricos em audiência.

Seus contemporâneos o chamavam de “egrégio varão de letras”, “grande filósofo”, “clérigo universal” e “completo cientista físico e naturalista”.

E como os céus pagaram suas tantas qualidades e suas infinitas bondades?

Ele lia a Bíblia em seu quarto no palácio, que estava em reforma, quando as paredes desmoronaram sobre ele.

Os caminhos de Deus são inescrutáveis. E seu humor negro, também.

# CELESTINO V

Pequeno conto em dez pequeníssimos capítulos

## I

Pietro Angelieri está rezando em sua caverna nas encostas do monte Mailla. Já há mais de cinquenta anos que ele largou o mosteiro beneditino e se tornou eremita. Seu esquelético corpo está mal coberto por trapos e seus cabelos estão desganhados.

Então entra pela caverna uma rica comitiva, com homens de capas coloridas, nobres com espadas ornamentadas e cavaleiros de armaduras. Quem lidera o grupo é Benedicto Caetani, que usa a vistosa veste vermelha dos cardeais. Ele se ajoelha à frente de Pietro, beija seus imundos pés e diz:

– O senhor foi escolhido para ser o novo papa.

## II

Pietro não quer o cargo, mas os apelos são tantos que ele termina por aceitá-lo. Só exige uma coisa: que a sede papal não seja em Roma, mas em Áquila, no reino de Nápoles, local perto de sua caverna.

A comitiva aceita e Pietro escolhe o nome de Celestino V.

Sua entrada em Áquila é triunfal. Ele vem sentado num modesto burrico e o povo, que o tem como santo, o recebe com palmas. A fila de gente percorre quilômetros de estrada. O asno de Celestino V, indiferente à emoção popular, segue em frente pisando a terra empapada pelas lágrimas dos fiéis.

### III

Uma sala modesta, decorada com modéstia, é o novo centro da cristandade. Ali Celestino V tenta rezar e meditar, mas passa a maior parte do tempo em conversas com poderosos e assinando papéis. Muitos papéis. O cardeal Benedicto Caetani, especialista em direito canônico, está sempre ao seu lado, ajudando-o com as burocracias. E, entre um papel e outro, entre uma reunião e outra, diz frases como:

- Realmente, este é um trabalho enfadonho.
- Um homem santo como vós não deveria estar perdendo tempo com isso, mas falando com Deus.
- É uma pena que um papa fale mais de poder do que de religião.
- O senhor deve ter saudades de sua caverna em Milla, onde vivia em paz e tranquilidade.
- Vossa Santidade sabe que um papa pode renunciar?

### IV

Depois de cinco meses como papa, Celestino V decide voltar à sua caverna. Caetani o ajuda e escrever sua carta de renúncia, que ficou assim:

“Eu, papa Celestino V, impulsionado pela humildade, pela fraqueza do meu corpo e pela perda da minha paz, livre e voluntariamente decido renunciar ao trono papal, à sua honra e dignidade, aos seus direitos e deveres, e deixo ao Colégio dos Cardeais a missão de escolher e organizar, de acordo com a lei canônica, um novo pastor para a Igreja Universal”.



## VI

Num só dia, o conclave deliberou que o cardeal Benedicto Caetani seria o novo papa. Há quem diga que a rapidez da eleição deu-se porque Caetani teria comprado os votos dos outros cardeais. Mas não há provas. O certo é que ele tomou o nome de Bonifácio VIII.

## VII

Bonifácio decidiu rapidamente que a sede papal deveria voltar a ser Roma. Mas, temendo que o povo napolitano continuasse a considerar Pietro Angelieri como o verdadeiro papa, resolve levá-lo junto com ele.

## VIII

Durante o trajeto, Pietro percebe que será morto tão logo chegue a Roma, afinal é uma ameaça à autoridade de Bonifácio. Então, com a ajuda de alguns fiéis, consegue fugir.

Começa uma grande perseguição. Cada igreja, cada casa e cada caverna da região são vasculhadas. Pietro é encontrado numa carroça, tentando fugir para a Grécia.

Ele é julgado e encarcerado na torre do castelo Fumone, da família Caetani.

## IX

Por dez meses, Pietro fica em sua cela, até que morre em 19 de maio de 1296, depois de fazer sua última oração.

Há quem diga que Pietro foi assassinado por ordem de Caetani. Caetani diz que Pietro morreu de morte natural, e que o buraco no crânio do antigo papa deve-se a um antigo abscesso.

## X

Bonifácio foi o único papa que usou luto pela morte de seu antecessor. Celebrou uma missa pública para Pietro e começou o processo de canonização de Celestino V.

Há quem diga que estes atos foram fruto de um grande remorso. Mas não há provas. O certo é que sofreu delírios tão furiosos que roeu os próprios dedos e morreu de tanto bater sua cabeça contra a parede.

## PIO II

– Estamos aqui mais uma vez com Papiros e Pergaminhos, o seu programa de literatura que fala com os maiores autores de todos os tempos. Hoje entrevistaremos um escritor muito especial: Enea Silvio Piccolomini, também conhecido como papa Pio II. Aliás, devo chamá-lo de Enea ou de Pio?

– Já que estou aqui como escritor, pode me chamar de Enea.

– O senhor começou a escrever cedo?

– Desde jovem fazia poesias.

– E as leituras?

– Aos dezoito anos fui estudar Direito em Siena. Nesta época aproveitei para ler os clássicos gregos e latinos.

– O senhor trabalhou como advogado, não é?

– Sim, por muito tempo. Ninguém é perfeito.

– E quando a religião entrou na sua vida?

– Só depois dos quarenta anos.

– Então deu tempo de ter umas aventuras amorosas...

– Conheci muitas mulheres. Mas logo que as conseguia, elas me causavam um certo fastio. Aliás, esta frase está nas minhas memórias.

– Então vamos falar delas. O livro se chama...

– *Comentários*.

– Acho que é a primeira vez que um papa faz sua autobiografia, não é?

– Com certeza. E creio que será a única.

– Mas antes o senhor já havia feito um livro sobre política, não é?

– Isso mesmo. *A Europa de meu tempo* é um livro em que faço diagnósticos e previsões sobre a política europeia.

– Mas o seu grande sucesso foi com a literatura pornográfica.

– Pornográfica, não. Erótica.

- Como se chama o livro?
- *Historia de duobos amantibus*. Ou, na língua do povo, *História de dois amantes*.
- Você pode nos contar o enredo, Enea?
- Com prazer. O livro conta o amor proibido entre Eurálio, um alto oficial do imperador Segismundo, e Lucrecia, uma mulher casada.
- É autobiográfico?
- Toda ficção tem um pouco de autobiografia. E toda autobiografia tem um pouco de ficção.
- O senhor poderia nos ler um trecho?
- Claro. Vou ler o parágrafo em que Eurálio escala um muro para chegar até Lucrecia: *“Quando ela viu seu amante, segurou-o firmemente entre seus braços. Entre beijos e abraços lânguidos e descontrolados deixaram-se levar por seu desejo e se fartaram de Vênus, agora com Ceres e depois refrescaram-se com Baco”*.
- Muito bom. Já foi impressa?
- Só copiada a mão. Afinal, a imprensa só foi inventada há uns dez anos. Mas mesmo assim o livro faz um grande sucesso. Já há mais de cem cópias manuscritas por aí.
- Olha, Enea, segundo avisam aqui pelo meu ponto eletrônico, o seu livro foi editado em 1488, 23 anos depois da sua morte.
- Puxa, que bom!
- E antes do ano 1500 já tinha mais de 35 edições.
- Graças a Deus.

## CLEMENTE VII

O papa está no subsolo de uma igreja em Lirey, França. Ao seu lado está Pierre D'Arcis, bispo de Troyes. Os dois carregam archotes para afastar as trevas. Pierre, que conhece o caminho, vai à frente, andando pelas catacumbas com desenvoltura. Quando chega numa estante escavada na pedra, coloca seu archote num suporte da parede. Na estante há uma caixa de prata. Pierre abre-a com uma chave de ouro. A caixa, forrada de veludo carmesim, guarda um pedaço de linho. Cuidadosamente, Pierre desdobra o pano, que mostra a figura de um homem, em frente e verso, como se ele tivesse sido embrulhado pelo linho e deixado nele sua figura. Mais ou menos como um carimbo que, em vez de tinta, usasse sangue.

O papa toca no tecido com delicadeza e diz:

– Incrível!

– Muito bem feito, não é?

– Quando você me escreveu, não pensei que fosse tão perfeito.

– As pessoas o chamam de Santo Sudário. Apareceu pela primeira vez há uns trinta anos, quando a viúva de Geoffroy de Charny, um templário, o exibiu aqui na igreja.

– O povo gostou?

– Muito. Uma multidão vinha de longe todos os dias para ver o pano. Mas logo percebemos que era uma fraude e o escondemos.

– Sei...

– Como lhe disse na carta, fizemos uma investigação e descobrimos que o desenho foi feito por um pintor talentoso.

– Sei, sei...

– Vossa Santidade está com um ar estranho.

– Pierre, você já pensou que este pano pode mesmo ter embalado o corpo de Jesus e sobrevivido por mil e trezentos anos. Já pensou que

ele pode ser exposto aqui e trazer milhares de fiéis? Já pensou que podemos vender indulgências aos peregrinos que vierem ver o sudário?

– Mas, papa, o sudário é uma fraude. O próprio artista me confessou o crime.

– Ora, Pierre, quem acredita em confissões?

## INOCÊNCIO VIII

Inocência está na cama. Tem sessenta anos e está à beira da morte. Mas ele não quer ir para o paraíso eterno. Tem sede de viver. Por isso há três meninos de dez anos na cama ao seu lado.

Tubos levam o sangue dos inocentes para o corpo de Inocência. O papa acredita que o sangue dos petizes pode trazer de volta sua saúde. Talvez até sua juventude.

Seu plano não dará certo. Não ficará mais jovem nem mais saudável. Ele e os três meninos morrerão em poucas horas.

O papa sonhou transformar-se em vampiro, mas fracassou.

## PAULO II

Que maravilha, que maravilha! É realmente o maior espetáculo da Terra! Viva o carnaval de Roma! Que invenção maravilhosa do papa Paulo II. Aliás, é ele o tema deste ano da Unidos do Vaticano, que entra agora na avenida.

A Comissão de frente está impressionante. Cada um dos seus integrantes carrega um imenso espelho oval, refletindo o povo e assim colocando todo o público dentro da escola. Mas o verdadeiro significado do espelho é que ele mostra a vaidade do papa, que se acha muito belo, tanto que quis utilizar o nome Formoso II. Mas os cardeais o convenceram de que o nome seria criticado por sua vaidade, e, além disso, o papa Formoso I teve um fim pouco inspirador.

Logo atrás da comissão de frente vem o carro abre-alas. Que beleza! É uma imensa escultura da Pietá. A explicação é simples: é que um dos apelidos do papa é Maria Pietíssima, por conta da sua inclinação de romper em lágrimas durante as crises de nervos. Seguindo este tema, os foliões que estão dançando em volta da Pietá usam fantasias de lágrimas. Elas são feitas em tule transparente e têm pingentes gigantes de vidro caindo de suas cabeças. Uma beleza!

Vejam agora o mestre-sala e o porta-bandeira. Que graça, que estilo, que rodopios! E eu não falei errado, não. É “o” porta-bandeira mesmo. Paulo II fez questão de que os dois fossem homens. Certamente uma quebra de paradigma neste carnaval.

A ala das venezianas também está uma beleza. Todas usam enormes saias rodadas que formam uma bonita coreografia quando giram. Vale a pena prestar atenção nas máscaras das venezianas, todas com o rosto do papa. Talvez porque o papa tenha nascido em Veneza, talvez porque ele adore vestidos.



Falando em vestimentas luxuosas, é isso que temos na ala seguinte, chamada de “Esplendor e glória no reino encantado do guarda-roupa, ô, ô”. Ela é toda formada por peças do próprio papa Paulo II, famoso por seu gosto em usar vestes suntuosas e caríssimas. Nesta ala temos muito strass, muita purpurina, muito *glitter* e um monte de pedras preciosas, porque uma coisa que o papa não faz em matéria de roupa é economia. Um luxo! Certamente a Unidos do Vaticano vai tirar nota alta no quesito alegoria e adereços.

Logo depois da bateria, toda vestida de vermelho, com roupas de cardeais, vemos a ala dos sobrinhos, formada apenas por anões. O mote desta ala é simples: ela comenta o fato de Paulo II ser sobrinho do papa Eugênio IV, que por sua vez era sobrinho do papa Gregório XII. Nada como um bom titio para se chegar a papa, é ou não é?

Opa, mas agora vem uma das alas mais esperadas, a ala das coleções. E ela vem com três fantasias diferentes: temos homens com o corpo todo pintado de branco, homens pintados de dourado e homens nus. É que o papa tem a fama de colecionar estátuas, joias e belos jovens. Realmente, uma ala muito criativa!

E eis que chega o principal carro alegórico! É um imenso arco-íris, brilhando em todas as suas cores, e embaixo dele está ninguém mais, ninguém menos que o próprio papa Paulo II! A multidão grita em júbilo. Paulo joga confete para todos os lados. É uma festa! Eis aí um pontífice que conquistou o povo.

Pena que ele morrerá em breve, no dia 26 de julho de 1471. Oficialmente se dirá que teve uma indigestão por comer muitos melões, mas ficará a lenda de que morreu de enfarte enquanto era sodomizado por um pajem. Não importa. O que conta é que, durante os sete anos de seu papado, Roma e a Igreja foram felizes como nunca. Viva o carnaval!

## LEÃO X

O papa está lendo as 95 teses que Martinho Lutero pregou na porta da igreja do Castelo de Wittenberg. Quando acaba de ler a última, joga os papéis de lado e diz: “Foi um alemão bêbado que escreveu isso. Não vai dar em nada.”

## ALEXANDRE VI

Em meio a nuvens fofas e anjos que torçam harpas, Alexandre VI se aproxima de um portão dourado. Ali está Pedro com um grande livro nas mãos. Alexandre pergunta:

- Posso entrar?
- Seu nome de batismo?
- Roderic Llançol i Borja. Rodrigo Bórgia, na versão italiana.
- Deixe-me ver, deixe-me ver... Achei! Ops, parece que temos um probleminha. Você tem alguns pecados, não?
- Tenho alguns. Por exemplo, só subi na carreira eclesiástica graças a meu tio, o papa Calisto III.
- Só isso?
- Quando eu tinha 39 anos, tomei Giovanna Cattanei por mulher. E ela já era casada.
- Isso não é bom para um clérigo. Filhos?
- Sete, que eu saiba.
- Nada bom. O “crescei e multiplicai-vos” não vale para os sacerdotes católicos.
- Também comprei os votos dos cardeais para me tornar papa.
- Isso era comum, mas mesmo assim era errado.
- Quando já era papa, transformei Giulia Farnese, mulher de Orsino Orsini, em minha amante.
- Estou anotando...
- Nomeei vários cardeais só para manter meu controle sobre o colégio eleitoral. E muitos deles não sabiam nada de religião, só foram nomeados por serem meus parentes.
- Por exemplo...
- Meu filho César, que tinha apenas 16 anos, meus sobrinhos Francisco Bórgia e Juan Bórgia, os meus sobrinhos-netos Juan de

Borja, Pedro Luis de Borja e Francisco de Bórgia, e o cunhado do meu filho César, Amanieu d'Albret.

– Tsc, tsc...

– Deitei-me com minha própria filha Lucrecia Bórgia.

– Isso também?

– Apoiei a expulsão dos judeus da Espanha porque muitos dos seus bens viriam para a Igreja. E depois permiti que eles fossem para Roma.

– Finalmente uma coisa boa.

– Mas cobrei-lhes um imposto anual por sua permanência. Ou seja, ganhei duas vezes com os judeus.

– É..., assim fica difícil...

– Também recebi o príncipe Diem, de Constantinopla, que corria perigo em sua terra natal. Seu irmão me pagava quarenta mil ducados por ano para que eu o mantivesse protegido. Mas este mesmo irmão, para garantir seu direito de sucessão, pagou-me quatrocentos mil para matá-lo.

– Triste...

– E ainda cobrei os gastos funerários.

– Vamos aos finalmentes: como você morreu?

– Eu e meu filho César celebramos um banquete e envenenamos o vinho para matar alguns inimigos. Mas algum pajem imbecil confundiu as jarras e todos os convidados caíram doentes. Os jovens sobreviveram, mas eu morri. Posso entrar agora?

Pedro coça a cabeça, olha para o livro e pensa.

– Olha, você pecou um bocado...

– Mas fui papa. Lutei pela igreja, pelo crescimento do seu poder.

– É, tem esse lado...

Bem, leitor, para ajudar Pedro neste dilema, você é quem vai escolher o caminho de Alexandre. Ele vai para o céu, para o inferno ou para lugar nenhum?

### **Céu**

Alexandre entra, mas logo se aborrece. Além de não gostar da música das harpas e de achar o gosto da ambrosia meio enjoativo, a conversa dos outros celestiais lhe parece muito aborrecida. Sem falar que é muito fácil ganhar no pôquer, já que ninguém blefa. E assim Alexandre VI fica infeliz por toda a eternidade.

### **Inferno**

Apesar do calor, Alexandre está feliz. Reencontrou grandes amigos e, quando não estão sendo açoitados ou tomando banho de lava, passam horas contando causos do passado.

### **Lugar nenhum**

Não há nem céu nem terra. Nem prêmio, nem punição. Alexandre é comido pelos vermes e só o que resta são as histórias sobre ele. E isso não lhe faz a menor diferença.

## JÚLIO II

Júlio II e Michelângelo andam pela Capela Sistina. Seus passos ecoam lentamente. Só os dois estão ali, na sala mais bela do mundo.

O papa olha para cima. Com a cabeça voltada para o teto, ou para o céu, diz:

– Falam muito mal de mim pelas ruas. Dizem que eu tenho vários filhos, dizem que eu comandi pessoalmente meu exército na Batalha de Mirandola, dizem que eu envenenei o papa Pio III, dizem que convidei os franceses a invadirem a Itália a fim de derrubar o papa Alexandre VI e que eu só tenho as roupas de papa. Mas no futuro todas estas palavras serão esquecidas e só dirão que eu mandei você pintar esta maravilha. Que cores, que formas! Por sua causa eu irei para o céu da memória, meu amigo.

## JÚLIO III

- Ele já devia estar aqui.
- Deve estar chegando.
- Será que aconteceu alguma coisa?
- Não, claro que não.
- Mas fico preocupado.
- Sem necessidade.
- Não posso evitar.
- É compreensível.
- A cada segundo que espero, envelheço um ano.
- Ele deve estar por perto.
- Já lhe contei como o conheci?
- Nunca.
- Ele era um mendigo. Tinha uns treze anos e pedia esmolas pelas ruas de Parma. Na hora em que o vi, decidi ficar com ele para sempre. Levei-o para casa, troquei sua roupa, dei-lhe banho, o alimentei, fiz de tudo para ele.
- É uma bela história.
- Hoje ele já tem dezessete anos. E está mais lindo do que nunca.
- Imagino.
- Olhe ali, em cima da cama, a roupa de cardeal que mandei fazer para ele. Não é linda?
- Linda.
- Sabe?, ele é muito esperto. Já está quase aprendendo a ler.
- Impressionante.
- Não aguento mais ficar olhando desta janela. Cada pessoa que aparece num cavalo, penso que é ele.
- É questão de tempo.
- Mas eu me preocupo. Estas estradas andam tão perigosas...

- Tenho certeza que ele está bem acompanhado.
- O que você quer dizer com isso?
- Nada, nada...
- Sabe qual o nome dele?
- Não.
- Innocenzo.
- É um belíssimo nome, Santo Padre.



## URBANO VII

“Quem usar tabaco no interior ou no adro de uma igreja, tanto por mastigá-lo, por fumá-lo com cachimbo ou cheirá-lo em pó pelo nariz, será excomungado”, decretou o papa, que morreu apenas treze dias depois de eleito.

Não se sabe se foi de câncer no pulmão ou não.

## PAULO IV

– É realmente impressionante! A multidão enfurecida está tentando derrubar a estátua do papa. E olhe que foi o povo que mandou erigir a estátua quando o papa diminuiu os impostos. Vamos ouvir agora um dos manifestantes: Por que a senhora está tentando derrubar a estátua de Paulo IV?

– Porque, para ele, todo mundo era herege. Qualquer um podia ir parar na Inquisição. E uns sumiam para sempre.

– E o senhor, que está segurando o braço da estátua, por que tanta raiva do papa?

– Eu era livreiro, e ele dificultou muito a minha vida. Primeiro fez o *Index Librorum Prohibitorum*, censurando um monte de livros. Depois impediu 61 livreiros, eu entre eles, de trabalhar. E olha que eu tinha editado *Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*. Poxa, até Loyola foi censurado! Agora me desculpe, que eu tenho que voltar para lá. Tchau!

– Pronto, ele já voltou para a turba. E olhem lá, a estátua caiu! Quem diria que no dia seguinte à morte de Paulo IV, a multidão buscaria vingança. Opa! Agora os manifestantes se dirigem para outro lugar. Nossa reportagem vai com eles!

\* \* \*

– Como vocês podem ver, o fogo está tomando conta do Palácio da Inquisição. E o povo libertou todos os réus que estavam presos. Vale lembrar que o falecido papa dirigiu a inquisição no tempo de Paulo III. Isso explica a ira contra o palácio. Como vocês podem ver, Roma está um caos, um caos. Paulo IV era realmente muito odiado. Vamos ver agora um VT do papa:

– A Inquisição não está em condições de usar de delicadeza. Ela é a minha menina dos olhos, a preferida do meu coração. Se meu pai fosse um herético, eu mesmo iria apanhar lenha para queimá-lo.

– Durão, não? E quem está aqui ao meu lado é o embaixador veneziano, que conheceu bem o papa Paulo IV. Embaixador, o que o senhor pensa sobre o finado sumo pontífice?

– A violência do papa era sempre grande, mas, quando se tratava da Inquisição, era realmente indizível. No dia da semana fixado por ele para a reunião da comissão, a quinta-feira, não havia nada no mundo que o impedisse de realizá-la. Lembro que, no dia em que os espanhóis se apoderaram de Anagni, quando toda a Roma corria para pegar em armas, temendo pela sua vida e pelos seus bens, Paulo IV foi presidir o Santo Ofício e tratou com toda a impassibilidade os assuntos da ordem do dia, como se os inimigos não estivessem às portas da cidade.

– Com licença, embaixador, mas a multidão está se dirigindo para o convento dominicano. E nós vamos com eles.

\* \* \*

– Não vai sobrar nada! O povo está saqueando o convento sem dó. E a guarda suíça nem apareceu por aqui. Provavelmente este ataque acontece porque a Inquisição em Roma estava sendo dirigida por um dominicano. E na nossa central estamos recebendo um personagem ilustre, que pode dar um depoimento importante sobre o papa. É com vocês aí no estúdio.

– Aqui ao nosso lado temos o cardeal Morone, conhecido por ser um célebre diplomata, por ter sido bispo de Módena e presidente do Concílio de Trento. Cardeal, como foi sua convivência com o papa Paulo IV?

– Olha, não foi muito boa. E eu não fiz nada demais. Só disse que a violência, em matéria religiosa, nunca deu bons frutos. E por

causa disso fui encarcerado no castelo de Santo Angelo por dois anos. Então houve um julgamento e fui inocentado. Mas eu disse que só sairia da prisão se o papa reconhecesse que tinha errado. Como ele não fez isso, só ontem, com a morte dele, eu saí da cadeia.

– Que história triste. Mas voltemos agora para a nossa reportagem, diretamente das ruas de Roma.

– Agora a multidão está carregando a estátua do papa para o Tibre. Acho que vão jogá-la no rio. Vamos ver aqui com um dos manifestantes se é isso mesmo. Por favor, a senhora vai jogar a estátua do papa no rio?

– Faço questão! Nós judeus não gostamos nada desse papa. Ele obrigou que morássemos num gueto e fez nosso povo a usar uns chapéus amarelos em forma de cone para que todos soubessem que éramos judeus. Imagine se a moda pega.

– Atenção, atenção! O povo acaba de jogar a estátua nas águas do rio Tibre. É o fim da história do papa Paulo IV. Fique agora com a previsão do tempo.

## PIO V

– Estas figuras nuas são um escândalo! A Capela Sistina é um lugar de adoração a Deus, não um lugar de pênis e vulvas. O que Michelângelo fez é pura pornografia. Pintem já uns panos sobre estas vergonhas!

## GREGÓRIO XIII

Os sinos da Basílica de São Pedro tocam, chamando os fiéis. O papa Gregório XIII está tão feliz que mandou rezar um *Te Deum*. É que ele acabou de saber como foi a Noite de São Bartolomeu.

Tudo começou em Paris. Por ordem da família real francesa, dezenas de líderes huguenotes foram assassinados naquela noite. Era o sinal para o começo do massacre. Logo seriam organizados assassinatos em massa em Toulouse, Bordeaux, Lyon, Bourges, Rouen e Orléans. Alguns dizem que morreram cem mil pessoas. Outros falam que foram apenas e tão somente trinta mil.

O certo é que o papa ficou contente. Aliás, enquanto ele ouve os sinos, pensa que uma missa de ação de graças é muito pouca coisa para demonstrar sua alegria, e decide mandar cunhar uma medalha comemorativa. De um lado, a medalha terá seu rosto. Do outro, um anjo com uma espada desembainhada matando huguenotes.

## CLEMENTE VIII

O papa segura uma xícara de café enquanto amarram Giordano Bruno numa estaca e colocam lenha aos seus pés. Clemente simplesmente adora café. A bebida, por ser considerada maometana, era proibida em toda a Europa. Diziam que era a bebida do diabo. Mas, depois que o papa provou um tanto, liberou-a para todos os católicos.

Clemente dá um largo gole e olha Giordano Bruno queimando na fogueira. O ex-monge dominicano foi acusado de duvidar da Santíssima Trindade, de rechaçar as imagens de santos, de acreditar num universo infinito, de dizer que o sol era uma estrela, de afirmar que haveria vida em outros mundos e que nestes outros mundos haveria outros Jesuses e outros papas. A ideia da existência de outros papas irritou tanto a Clemente que ele participou pessoalmente da fase final do julgamento.

Giordano Bruno virou um monte de cinzas. Clemente deixa sua xícara de lado e diz com tristeza:

– Esfriou.

## PAULO V

### Peça em um ato com dois atores durando três minutos

É noite. O papa e Galileu Galilei andam pelo jardim. O fundo do cenário está totalmente negro. Galileu Galilei carrega uma luneta.

Paulo V: Esta luneta realmente foi uma grande invenção.

Galileu: Obrigado.

Paulo V: Não agradeça. Não foi você quem inventou o telescópio.

Galileu: Não inventei, mas inventei que inventei.

Paulo V: E muitos acreditaram.

Galileu: Não se pode negar que melhorei o aparelho.

Paulo V: Até demais.

Galileu: Como assim?

Paulo V: Agora vemos que os anjos não voam entre as nuvens.

Galileu: Mas enxergamos as montanhas da Lua e os satélites de Júpiter.

Paulo V: Não sei se saímos ganhando com esta troca.

Galileu: Sempre é bom enxergar mais longe.

Paulo V: Será que se deve acreditar sempre nos olhos?

Galileu: Piamente.

Paulo V: Só acredito piamente em meus olhos quando leio a Bíblia.

Os dois dão alguns passos em silêncio.

Paulo V: Posso?

Paulo V aponta para a luneta. Galileu a empresta ao papa. Quando este começa a olhar pelo aparelho, o fundo do cenário fica iluminado de estrelas.

Paulo V: Não me canso de olhar para o céu.

Galileu: Nem eu.



Paulo V: O que você quer ver? Deus?

Galileu: Não. Para isso há a fé.

Paulo V: Como são lindas as estrelas!

Galileu: Cada uma é um sol.

Paulo V: Como o nosso? Então pode haver vários mundos, como dizia o queimado vivo?

Galileu: Por que não?

Paulo V: Ah, meu amigo, suas ideias podem ser mais perigosas que as de Calvino e Lutero.

Galileu: Papa, a ciência não nega a existência de Deus. Pelo contrário. Quando considero quantas e quão maravilhosas coisas o homem compreende, pesquisa e consegue realizar, então reconheço claramente que o espírito humano é obra de Deus. E a mais notável.

Paulo V olha para outra parte do céu e as estrelas se movem.

Paulo V: Mas você procura respostas. Sua necessidade de respostas vem da dúvida. E quem crê não duvida.

Galileu: Minha necessidade de respostas vem da minha ignorância.

Paulo V: A religião tem as respostas.

Galileu: Também pode-se chegar a elas pela razão.

Paulo V: Nem sempre dois caminhos levam ao mesmo lugar.

Galileu: Nem sempre se quer ir ao mesmo lugar.

Paulo V: Se a razão vai contra a fé, fiquemos com a fé.

Galileu: Mesmo que suas respostas sejam absurdas?

Paulo V: Lembra-se da frase de Tertuliano: *Credo quia absurdum?*

Galileu: Claro.

Paulo V: Pois então, cremos porque é absurdo. Se não for absurdo, não creremos.

Galileu: Mas se formos racionais, saberemos.

Paulo V: Será que o saber traz mais felicidade que o crer?

Galileu: Quero crer que sim.

Paulo V: Pois eu sei que não.

Galileu: Como?

Paulo V: Já viu uma beata rezando? Já viu uma criança numa aula? A criança mal aguenta ficar sentada e não vê a hora de fugir dos mapas e das lições. Mas a beata tem o olhar embevecido e poderia ficar dias de joelho rezando.

Galileu: Talvez a fé nem sempre seja boa. Alguns papas não foram exemplares.

Paulo V: Isso não prova nada. Muitos cientistas foram maus exemplos.

Galileu: Faltou-lhes uma boa criação religiosa. Sua Santidade sabe que sou um cristão devotado.

Paulo V: Sei. Mas estas suas teorias...

Galileu: Que teorias?

Paulo V: Estas que dizem que a Terra se move em volta do Sol.

Galileu: A teoria não é minha. Copérnico e Giordano Bruno já haviam dito isso. O que fiz foi comprová-la matematicamente.

Paulo para de olhar pela luneta. O fundo do palco volta a ficar negro.

Paulo V: Lá vem você de novo... Ora, meu caro, eu vejo que é o sol que se move. Ele nasce de um lado do céu e morre do outro.

Galileu coloca-se atrás do papa e segura seu rosto.

Galileu: Por favor, olhe para aquela árvore.

Galileu gira lentamente a cabeça do papa de um lado para o outro.

Galileu: Viu? Ela estava do seu lado direito mas foi para o esquerdo. E não se mexeu.

Paulo V: Mas como pode ser a Terra que gira em volta do Sol? Os coadjuvantes giram em torno do principal e a Terra é o principal, pois aqui vive o homem, que foi feito à imagem e semelhança de Deus.

Galileu: Talvez não sejamos tão importantes assim.

Paulo V: Até o grande Aristóteles dizia que a Terra era o centro do universo.

Galileu: Até os grandes homens erram.

Paulo começa a girar pelo palco como se estivesse tonto.

Paulo V: Tem razão, ele estava errado. Por isso é que estou ficando tonto. Socorro, estou caindo, a Terra não para de girar.

Galileu: Este talvez seja o erro da Igreja. Ela pensa que o mundo nunca se move. Mas ele se move. Mesmo que não se queira.

Paulo V estanca e está irado.

Paulo V: Isso é uma metáfora?

Galileu: Uma verdade matemática.

Paulo V: Ora, a matemática...

Galileu: A matemática é o alfabeto com que Deus escreveu o Universo.

Paulo V: Conheço o alfabeto com o qual ele escreveu a Bíblia, e a Bíblia diz que o Sol parou sobre Gibeão. Como o Sol pode parar se não andar em volta da Terra?

Galileu: Talvez ainda não saibamos ler as sutilezas da Bíblia.

Paulo V: Mas é uma verdade universal! Todos, do padreiro ao filósofo, do maior rei ao menor escudeiro, acham que a Terra está parada.

Galileu: A verdade não resulta do número dos que nela creem.

Paulo V: Cristóvão Clávio é o astrônomo do Vaticano e uma grande autoridade. Ele diz que tuas descobertas são ilusões de ótica provocadas pelas lentes.

Galileu: A verdade é filha do tempo, e não da autoridade.

Paulo V: Parece que temos duas verdades, a da cruz e a da luneta.

Galileu: Duas verdades não podem se contradizer.

Paulo V: Exatamente. Por isso seus livros irão para o *Index*.

Galileu: Serei proibido?

Paulo V: Sim.

Galileu: Não posso acreditar que o mesmo Deus que me deu sentidos, razão e intelecto queira que eu não os utilize.

Paulo V: E não é só isso.

Galileu: O que mais?

Paulo V: Você terá que assinar uma confissão dizendo que a Terra é o centro de tudo.

Galileu: Quem não sabe a verdade é simplesmente um tolo. Mas quem a sabe e diz que ela é mentira, esse é mesmo um criminoso!

Paulo V: O que é melhor, ser um criminoso em liberdade ou um inocente na cadeia?

Galileu (depois de uma longa pausa): Um inocente em liberdade.

Paulo V: Não lhe dei esta opção.

Galileu: O que devo falar para continuar livre?

Paulo V: Que a última palavra não é da ciência, mas da fé.

Galileu: Por que eu diria isso?

Paulo V: Porque é um homem que acredita no que dizem os instrumentos, e não há instrumentos mais eloquentes que os da Inquisição. Já viu o esmagador de joelhos, o tubo de crocodilo, a gota tártara, o trono de espinhos ou o funil de ratos?

O papa devolve a luneta para Galileu, que senta-se numa pedra e fica em silêncio. Paulo V põe a mão sobre seus ombros.

Paulo V: Galileu, às vezes o caminho entre dois pontos pode ser uma curva.

Galileu: Entendo... Eu direi o que me for mandado. Vou abjurar.

Paulo V: Ótimo! Vou pegar uma garrafa de vinho para comemorarmos.

O papa sai de cena. Galileu olha para o chão por algum tempo. Voltam as estrelas lentamente, todas elas. Ele olha para o alto.

Galileu: Mas que a Terra se move, se move.

Apagam-se as luzes e fecham-se as cortinas.

## **BENTO XIII**

Todos os dias comia ovos pela manhã segundo uma receita pessoal. Bento é o criador dos ovos benedict, e só por isso já merece o céu.

## INOCÊNCIO X

Ele olha para seu retrato, que acaba de ser pintado por Velázquez. A pintura mostra a figura de um homem com um ar duro, cruel, com cenho franzido, a um instante da cólera. Sua pele é avermelhada, a barba está por fazer e ele aparenta todos os seus setenta e cinco anos.

Inocência fica um longo instante em silêncio. Depois diz: “Verdadeiro demais”. E o quadro, em vez de ficar nas paredes do Vaticano, vai para o palácio privado do papa, onde poucos, ou ninguém, poderão vê-lo.

## CLEMENTE X

Emilio Bonaventura Altieri está dormindo. Mas começa a ouvir um zum-zum ao longe, como se estivesse se aproximando de uma colmeia. Abre os olhos lentamente e vê que não são abelhas que o cercam, mas cardeais. Ele pergunta o que estão fazendo ali, e um deles lhe responde que, depois de mais de quatro meses de concílio, ele foi o escolhido para ser o novo papa. Emilio responde que não quer e que não pode aceitar o cargo, pois já tem oitenta anos e está fraco, tanto que nem foi à eleição naquele dia. Os cardeais não lhe dão ouvidos e começam a vestir-lhe as roupas papais à força. Emilio tenta lutar, mas está tão fraco que não consegue resistir.

Lágrimas rolam de seus olhos, e não são de alegria.

Emilio vai escolher o nome de Clemente X e ainda viverá por mais seis anos.

## CLEMENTE XII

O tesoureiro do Vaticano mostra o livro-caixa ao papa. Os números estão quase todos em vermelho.

– Como chegamos a isso?

– Mais gastos do que ganhos, Sua Santidade.

– Precisamos fazer alguma coisa.

– Os impostos já estão altos.

– E eu não quero diminuir gastos.

– Se ainda houvesse loteria, poderíamos tentar a sorte — diz o tesoureiro rindo com o canto da boca.

Clemente XII olha para ele com olhos fixos.

– Desculpe-me, Sua Santidade, eu não devia fazer chalaças com um assunto tão sério.

– Mas não foi uma chalaça. Foi uma ideia brilhante!

– Vamos jogar na loteria?

– Melhor que isso. Vamos fazer a nossa própria loteria!

– Uma loteria do Vaticano?

– Que fiel não vai querer apostar conosco? E ainda farão ofertas aos santos, darão óbolos às igrejas e díizimos ao Senhor.

– Genial!

– A vida é um jogo, meu caro. E tem mais chance de vencer aquele que dá as cartas.



## LEÃO XII

A carruagem papal passa pela rua. Mas os romanos, em vez de gritarem “viva o papa!”, de darem assovios e baterem palmas como sempre, ficam em silêncio. Pelos lugares em que o papa passa, o burburinho transforma-se em quietude e só se ouve o barulho das rodas passando pelas pedras.

– O povo não está muito calado? — pergunta o papa a seu cocheiro.

– Sim, Vossa Santidade.

– E você sabe por quê?

– Sei.

– Então diga.

– Prefiro não dizer.

– Diga!

– Creio que é um protesto.

– Pelo quê?

– Isso eu não sei direito. Pode ser pelo fato de o senhor mandar tirar as estátuas de mulheres nuas das ruas, por mandar prender quem não tenha cumprido o preceito da Páscoa, por vetar o pedido de bis nos teatros, por ter proibido roupas femininas apertadas, por condenar à prisão os atores que improvisarem piadas sobre temas atuais, por ter banido a valsa ou por guilhotinar os defensores da unidade italiana na Praça do Povo.

O papa olha pela janela da carruagem e vê as pessoas mudas. Ele fica alguns instantes pensativo e depois comenta:

– Tudo bem, eu prefiro o silêncio mesmo.

## BENTO XIV

- Está escutando, papa. Estes *castrati* não são uma maravilha?
- São excelentes, mas acho uma maldade fazer isso com os garotos.
- Realmente, uma maldade. Uns quatro mil são castrados por ano. Muitos pelos próprios pais, na esperança de que virem cantores e fujam da pobreza.
- É preciso acabar com isto. Já estamos em 1720! Acho que vou proibir o uso de castrados nas missas.
- Mas, papa, o povo ama as vozes destes meninos. Acho que nossas cerimônias ficariam muito mais vazias sem eles.
- Muito?
- Muito.
- Tudo bem, vamos esperar mais uns cento e cinquenta anos.

## PIO IX

Decretoou o dogma da infalibilidade papal, segundo o qual o sumo pontífice, quando delibera solenemente em matéria de fé, está sempre correto.

Não há registro de como o Pio IX explicou esta tese pela primeira vez aos seus bispos, mas pode ter sido assim:

– Eu sou infalível, logo, se eu sou infalível e digo que sou infalível, sou infalível mesmo.

## PIO XI

O papa e Benito Mussolini estão frente a frente, cada um com uma caneta nas mãos.

Mussolini: Este Tratado de Latrão será um bom negócio para os dois lados.

Pio XI: Mas melhor para vocês.

Mussolini: Não faça esta cara, o Vaticano terá soberania plena.

Pio XI: Em troca renunciaremos aos nossos antigos territórios.

Mussolini: Eles já não eram seus há muito tempo. E vocês receberão uma boa indenização. Além disso, o catolicismo será a religião oficial da Itália e seu ensino será obrigatório nas escolas.

Pio XI: Não se esqueça do divórcio.

Mussolini: Está terminantemente proibido. Mas em troca...

Pio XI: O que mais? Já apoiei seu partido nas eleições de março, já disse que você foi um homem enviado pela providência.

Mussolini: Eu sei, eu sei, mas queria que Vossa Santidade desse pessoalmente uma bênção para as tropas que partirão para a conquista da Abissínia.

Pio XI: Mais isto?

Mussolini: O que custa? Um favorzinho de nada...

Pio XI: Está bem...

Mussolini: Ah, grande papa! Dê cá um abraço!

Pio XI: Você está me sufocando.

Mussolini: Perdão, me empolguei, irmão. Posso chamá-lo de irmão?

Pio XI: Chame-me apenas de amigo.

## PIO XII

O papa e Francisco Franco estão frente a frente, cada um com uma caneta nas mãos.

Franco: Esta Concordata entre a Santa Sé e a Espanha será um bom negócio para os dois lados.

Pio XI: Mas ainda melhor para nós que para vós.

Franco: Ora, para a Espanha será ótimo. Nosso governo precisa de reconhecimento internacional.

Pio XI: Não é mais que a nossa obrigação. Afinal, a Guerra Civil foi uma cruzada contra os ateus e os maçons. O senhor salvou a Espanha do comunismo.

Franco: Sim, e doravante o catolicismo será a única religião da nação espanhola.

Pio XII: Em compensação, o Estado poderá propor e vetar as nomeações de bispos pelo papa.

Franco: Pois eu lhe digo que os feriados católicos serão os feriados da Espanha.

Pio XII: Então diariamente os sacerdotes espanhóis rezarão pelo país e por seu soberano.

Franco: Daremos uma dotação anual à Igreja. Não esqueceremos arcebispos, bispos, coadjutores, vigários, seminários e universidades eclesiásticas. Além disso, capelas e escolas religiosas não pagarão impostos.

Pio XII: O único jeito de agradecer a isto é condecorando-o com a Ordem de Cristo, a maior honraria que a Santa Sé pode conceder.

Franco: Ah, que simbiose perfeita! Dê cá um abraço.

Pio XII: Somos um só.

Franco: Posso vos chamar de amigo?

Pio XII: Chama-me de irmão.

## JOÃO PAULO I

De trás para a frente, foi assim:

**1998:** O corpo de Roberto Calvi, ex-presidente do Banco Ambrosiano, é exumado. Uma equipe de médicos forenses diz que Calvi foi assassinado e que só depois teria sido colocado sob a ponte, a fim de simular um suicídio.

**1987:** Após longa investigação, um juiz de Milão pede a prisão de Paul Marcinkus (presidente do IOR, *Instituto per le Opere di Religione*). Ele se refugia no Vaticano, que lhe dá asilo.

**1983:** O Vaticano gasta cerca de US\$ 100 milhões para ressarcir os clientes do Banco Ambrosiano.

**1982:** Estoura o escândalo do Banco Ambrosiano, maior banco privado da Itália. O banco quebra após o governo descobrir um rombo de US\$ 1,2 bilhão. O Vaticano possuía 16% do capital do Ambrosiano. As investigações sobre a falência trazem à tona algumas operações nebulosas, como desvio de fundos para uso particular. Paul Marcinkus é acusado formalmente.

**1982:** Duas semanas antes do escândalo, o corpo do presidente do Ambrosiano, Roberto Calvi, é encontrado enforcado sob uma ponte de Londres. A polícia diz que foi suicídio.

**1982:** Uma dia antes da morte de Roberto Calvi, sua secretária morre ao cair do quarto andar da sede do Banco Ambrosiano em Milão. A polícia diz que foi suicídio.

**27 de setembro de 1978:** João Paulo I é papa há exatamente 32 dias. Naquela noite, ele vai dormir preocupado. Ficou sabendo que há suspeitas de corrupção ligando o Banco Ambrosiano ao IOR. E Paul Marcinkus, um antigo desafeto, estaria envolvido. João Paulo I pensa em fazer uma ampla investigação. Então toma uma xícara de chá e deita-se para nunca mais levantar.

## JOÃO PAULO II

19 de agosto de 2012. Lorenzo de Rusticis entra numa sala, uma sala muito cheia. Cheíssima. Abarrotada. Ele aproxima-se de um sujeito crivado de flechas e diz:

– Lorenzo, muito prazer.

– Sebastião, às suas ordens.

– Meio cheio aqui, não?

– Muito. Chegou hoje?

– Pois é, pensei que tivéssemos um lugar especial aqui no paraíso, um espaço vip, entende?

– Olha, essa nossa sala já foi bem mais espaçosa. Mas o João Paulo II beatificou 1.340 pessoas e canonizou 483 santos. Mais do que nos cinco séculos anteriores.

– Aliás, estou vendo ele ali.

– Pois é. Ele que provocou esse aperto todo. Parece um trem da Central. Nem dá para sentar. Opa! O Josemaría Escrivá levantou para ir no banheiro. Vou pegar a poltrona dele, tchau!

## BENTO XVI

Sobre a mesa do papa há vários tipos de camisinhas: vermelhas, amarelas, azuis, verdes, incolores, com sabor, finas, grossas, pequenas, gigantes e até algumas texturizadas.

Entra o assessor de imprensa e pergunta:

– Vossa Santidade, a imprensa gostaria de saber sua opinião sobre preservativos.

– Não se pode vencer a Aids com distribuição de preservativos. Pelo contrário, isso pode aumentar o problema.

– Há..., tem certeza, senhor?

– Absoluta.

O assessor sai da sala. O papa põe uma camisinha no dedo indicador direito e outra no dedo médio. Depois coloca-os sobre a mesa, de modo que parecem uma pessoa usando grandes botas. Então começa a cantar uma tarantela e seus dedos imitam uma dança.





*Papis et circenses*

foi composto na tipologia Garamond Premier Pro.  
Miolo em papel pólen 80 gramas. Capa em cartão 250 gramas.  
Impresso no parque gráfico da Imprensa Oficial do Paraná,  
em Curitiba, no mês de novembro de 2012.



Vencedor na  
Categoria Contos

O **Prêmio Paraná de Literatura** — criado em 2012 pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Biblioteca Pública do Paraná — surgiu com o objetivo de valorizar e fortalecer a produção literária brasileira contemporânea.

Em sua primeira edição, o concurso selecionou obras inéditas, de autores de todo o Brasil, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Contos (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody). Cerca de 900 trabalhos foram inscritos e analisados por uma comissão julgadora que definiu um vencedor em cada categoria. Os três livros foram editados pela Biblioteca Pública do Paraná e distribuídos para as principais bibliotecas do País.



Biblioteca  
**Paraná**



BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

PARANÁ / PR

